


Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia (2008–2018)

Paula Alegria¹ 

Lucas Bulgarelli¹ 

Rosana Pinheiro-Machado¹¹ 

Introdução

Na literatura acadêmica sobre movimentos sociais, persiste uma divisão entre os chamados antigos (AMS) e novos movimentos (NMS). Ainda que a precisão dessas categorias seja questionada, elas continuam sendo amplamente empregadas nas ciências sociais, uma vez que demarcam uma diferença importante entre os movimentos de classe da primeira metade do século XX (os antigos) e os movimentos de identidades coletivas e estilo de vida que se tornam mais expressivos na segunda metade do século (os novos), e que não adotam apenas a questão econômica ou produtiva como eixo central. No século XXI, é possível ainda observar uma terceira categoria, a qual tem sido denominada “novíssimos” (NVMS) movimentos sociais (Day, 2004), mas também “movimentos antiausteridade” (Della Porta, 2015), “protestos cidadão” (Gerbaudo, 2017) etc. Trata-se de movimentos

anticapitalistas que tiveram sua gênese nos movimentos antiglobalização da virada do milênio. Impulsionados pelo uso das novas tecnologias digitais, esses movimentos têm se valido de um repertório de táticas que se inspira no anarquismo e no marxismo autonomista, como a horizontalidade¹, a prefiguração² e a ação direta³ (Graeber, 2002).

Um dos limites dos usos das categorias de AMS, NMS e NVMS é que elas seguem um ritmo de transformações sociais e políticas do Norte Global, mesmo que tais mudanças tenham afetado o Hemisfério Sul. Além disso, essa demarcação corresponde a modelos sociológicos de categorização e análise que não necessariamente possuem paralelo na produção antropológica. Soma-se a isso o fato de que, por muito tempo, o tema dos movimentos sociais não foi preponderante na teoria feita na antropologia (Escobar, 1992; Gibb, 2001). Nos anos 1990, Escobar (1992) notava que os estudos norteadores teóricos da disciplina inviabilizavam a dis-

1 Modelos decisórios não hierárquicos, que evitam deliberação de cima para baixo.

2 Princípio de que os movimentos não podem reproduzir em sua organização as opressões que combatem.

3 Táticas ativistas que dispensam caminhos intermediários e buscam formas de agir mais diretas e imediatas.

¹Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo – São Paulo (SP), Brasil. E-mails: paulaalegriab@gmail.com, lucasbulgarelli@usp.br

¹¹Departamento de Ciências Sociais e Políticas Públicas, University of Bath – Bath, Reino Unido. E-mail: rpinheiromachado@yahoo.com.br

Recebido em: 13/07/2019. Aprovado em: 20/09/2019

cussão por estarem voltados à questão da textualidade, à teoria da prática ou a debates conceituais abstratos, definidos na academia ocidental, mas com pouca conexão com as lutas políticas e populares que emergiram na virada do milênio.

A própria obra de Arturo Escobar (1992; 2011; 2018) foi fundamental para situar o estudo dos movimentos na centralidade antropológica, mas desde uma perspectiva do campo, engajada e conectada à produção realizada na América Latina. No Brasil, não se pode dizer que o tema tenha sido negligenciado. Muito pelo contrário: a história da antropologia do/no Brasil, em muitos momentos, confunde-se com o processo de *nation-building* (Peirano, 2000) e com a resistência de movimentos baseados em identidades coletivas (como gênero, sexualidade, raça/cor e etnia). Logo, os temas acerca da identidade e dos modos de vida que marcam o recorte dos NMS são fundantes e estruturantes da disciplina.

O recorte de nosso artigo recai sobre os movimentos sociais contemporâneos que explodiram no Brasil e que possuem diversas características dos NVMS. O país vivenciou um verdadeiro *boom* da ação coletiva das mobilizações de massa e da formação de coletivos descentralizados, tendo a internet como meio de mobilização, especialmente entre a juventude. O marco desse formato de atuação no Brasil foram as Jornadas de Junho de 2013, inicialmente convocadas por grupos anarquistas e autonomistas organizados pela pauta do transporte público — como o Movimento do Passe Livre e o Bloco de Lutas. Grandes manifestações reivindicavam a melhoria de bens públicos e colocavam-se contra a corrupção em todo o país. Desde então, o país tem vivido um ciclo incessante de grandes marchas que têm conformado subjetividades políticas, como

as que se destacaram na Primavera Feminista de 2015 (movimento de mulheres que tomou as ruas e as redes contra a opressão de gênero) e nas Ocupações de 2016 (quando estudantes secundaristas e universitários ocuparam escolas, universidades e reitorias em defesa do ensino público). Ainda que grupos conservadores e de direita tenham ganhado expressão e igualmente ocupado as ruas no mesmo período, o interesse acadêmico por eles na antropologia ainda figura incipiente nas produções.

Como todo processo emergente, os NVMS não possuem uma forma acabada. Nós entendemos que os ciclos mais recentes de mobilização possuem algumas características distintivas, que vêm se repetindo nas manifestações de resistência que têm ocorrido do Occupy Wall Street, nos Estados Unidos, ao Ni Una a Menos, na Argentina, por exemplo. Todavia, isso não significa que haja um rompimento com os NMS. Quando focamos a produção brasileira dos últimos anos sobre movimentos sociais, fica mais nítido que as categorias NMS e NVMS se sobrepõem. Por um lado, os movimentos de feministas, LGBT e negros, por exemplo, são uma expressão da luta contra as opressões de gênero, sexualidade e raça dos NMS. A emergência desses movimentos no país coincidiu temporalmente com as lutas por reconhecimento em diversas partes do mundo nas últimas décadas do século XX. Por outro lado, a novidade do século XXI, especialmente no caso brasileiro, é que grandes mobilizações de massa que aconteceram nos últimos anos, as quais seriam expressões paradigmáticas dos NVMS, também impactaram, expandiram e transformaram a onda do ativismo que vinha crescendo no país graças à conquista de direitos sociais e políticas culturais, a qual foi impulsionada nos governos federais do Partido dos Trabalhadores (PT) entre 2002 e 2016.

O efeito dessa explosão recente de movimentos sociais no Brasil pode ser claramente observado nas produções acadêmicas da antropologia nos últimos anos. Este artigo traz um levantamento bibliográfico das dissertações e teses sobre movimentos sociais contemporâneos entre os anos de 2008 e 2018. Olhando para essa produção recente, acreditamos que possui continuidades e rupturas significativas com os estudos de movimentos sociais brasileiros que os precederam. Esses estudos avançam na tradição do entendimento etnográfico das lutas dos grupos oprimidos por raça, etnia, classe, gênero e sexualidade. Além disso, os trabalhos buscam maior diálogo com as questões conceituais do campo interdisciplinar dos movimentos sociais, aliando-se ao estudo dos NVMS, observando as demandas dos grupos, mas também suas táticas de organização, especialmente nas expressões mais descentralizadas que se manifestam nas explosões de coletivos nos últimos anos no Brasil.

Nesse sentido, os estudos emergentes sugerem que existe uma transformação dos movimentos sociais do século XXI. Ao focarem em expressões da ação coletiva mais “autogestadas” e até “espontâneas”, tais pesquisas apontam um esgotamento de um modelo de organização da sociedade civil que prevaleceu nas últimas décadas do século XX, qual seja, aquele cujos limites entre movimentos sociais e organizações não governamentais (ONGs) de direitos humanos se confundem (Jad, 2007). A explosão de coletivos nos últimos anos no Brasil segue um modelo menos formal de organização popular — ou simplesmente *grassroots* (de raiz). Essa é uma hipótese que merece maior investigação empírica para além da pesquisa bibliográfica.

A justificativa sobre a opção de selecionar trabalhos finais de pesquisadores de pós-graduação se sustenta em três pilares:

prático, epistemológico e político. Esses pilares são igualmente importantes para elucidar a novidade que esse recorte oferece aos estudos de movimentos sociais no Brasil. Pragmaticamente, ainda que exista uma produção consagrada de pesquisadores estabelecidos no campo de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais, a crescente produção de cunho etnográfico acerca de lógicas emergentes de luta no Brasil, especialmente a que foi impulsionada pós-junho de 2013, é bastante recente e foi pouco publicada em formato de artigos acadêmicos por uma questão de temporalidade. São poucos os artigos publicados em periódicos quando comparados ao número de trabalhos finais de pós-graduandos. Entre as pesquisas pós-graduadas na área de antropologia, pudemos mapear mais de uma centena de teses e dissertações.

Epistemologicamente, entendemos que esse novo momento do Brasil ajudou a fortalecer uma geração de antropólogos engajados e ativistas. Isso não significa, como já mencionado, que a antropologia brasileira, por sua própria história na periferia do sistema mundial, algum dia não tenha sido engajada na luta por igualdade e reparação de direitos sociais e políticos e no próprio debate sobre a construção da identidade nacional. Referimo-nos aqui, portanto, a uma nova geração de pesquisadores que é fruto da expansão do ensino superior e das políticas de ação afirmativas das universidades debatidas e defendidas por aqueles que os precederam. Muitas vezes, os autores são etnógrafos nativos, e também ativistas, que se descrevem como afetados pelos movimentos sociais contemporâneos, sendo eles os próprios sujeitos e observadores das transformações recentes do país.

Por fim, há ainda uma motivação política que justifica essa escolha. Atualmente, sob o governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro (filiação ao Partido Social Liberal à

época da eleição), o Brasil atravessa uma fase marcada pelo anti-intelectualismo e pelo ataque direto à produção científica das ciências humanas. Tem sido frequente o escracho público, realizado por membros do governo, de teses e dissertações de antropologia, as quais são caracterizadas como irrelevantes para o país. Nosso objetivo nesse levantamento bibliográfico é dar visibilidade aos trabalhos de uma geração de pesquisadores diretamente ameaçada, a qual é responsável por uma produção robusta da pós-graduação no Brasil. Cumprindo seu papel acadêmico, esses trabalhos são ferramentas fundamentais para documentar e interpretar as transformações recentes por que a sociedade brasileira tem passado nos últimos anos.

Notas metodológicas

O levantamento bibliográfico realizou-se com base em teses e dissertações disponíveis

no catálogo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴. Foram filtrados os trabalhos defendidos entre 2008 e 2018 vinculados aos programas de pós-graduação em: antropologia; antropologia social; ciências sociais com área de concentração em antropologia; sociologia e antropologia com área de concentração em antropologia⁵. O foco em produções defendidas exclusivamente nesses departamentos orientou o filtro de buscas na plataforma da CAPES para fins metodológicos, o que exclui o levantamento de pesquisas antropológicas vinculadas a programas de pós-graduação multidisciplinares, como aqueles ligados à saúde coletiva, à mídia e à cultura, por exemplo. Tal escolha metodológica, ao mesmo tempo que tornou possível a operacionalização do levantamento em termos pragmáticos, deixa de fora possíveis pesquisas na área da antropologia conduzidas em departamentos que extrapolam a grande área das ciências sociais.

4 Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

5 Foram mapeadas teses e dissertações defendidas nos seguintes programas de pós-graduação (PPG) em antropologia ou antropologia social: PPG em antropologia social da Universidade de São Paulo; PPG em antropologia social da Universidade Estadual de Campinas; PPG em antropologia social da Universidade Federal de São Carlos; PPG em antropologia social/Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; PPG em antropologia da Universidade Federal Fluminense; PPG em antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais; PPG em antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG em antropologia da Universidade Federal de Pelotas; PPG em antropologia da Universidade Federal do Paraná; PPG em antropologia social da Universidade Federal de Santa Catarina; PPG em antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; PPG em antropologia da Universidade Federal de Sergipe; PPG em antropologia da Universidade Federal de Pernambuco; PPG em antropologia da Universidade Federal da Paraíba; PPG em antropologia da Universidade Federal da Bahia; PPG em antropologia social da Universidade Federal de Alagoas; PPG em antropologia da Universidade Federal do Piauí; PPG em antropologia da Fundação Universidade Federal do Piauí; PPG em antropologia social da Universidade Federal de Goiás; PPG em antropologia social da Universidade de Brasília; PPG em antropologia social da Universidade Federal da Grande Dourados; PPG em antropologia da Universidade Federal do Pará; PPG em antropologia social da Universidade Federal do Amazonas. Incluem-se também teses e dissertações com área de concentração em antropologia defendidas em PPG em ciências sociais ou em sociologia e antropologia: PPG em ciências sociais da Universidade Estadual de Campinas; PPG em ciências sociais da Universidade Federal de São Paulo; PPG em ciências sociais da Universidade Estadual Paulista; PPG em sociologia e antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; PPG em ciências sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; PPG em ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; PPG em ciências sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora; PPG em ciências sociais da Universidade Federal de Santa Maria; PPG em ciências sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; PPG em ciências sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Consideraram-se apenas as pesquisas cujo campo etnográfico se concentrava no meio urbano. Para fins de análise, privilegiaram-se as produções sobre movimentos sociais contemporâneos exclusivamente vinculados à vida na cidade. Apesar da relevância da produção teórica e da importância no âmbito político, as produções sobre movimentos atribuídos às populações rurais, camponesas, tradicionais, quilombolas e indígenas foram descartadas em função do enfoque do artigo e das limitações inerentes à análise. Destacam-se balanços dedicados a esses movimentos em outros artigos desta coletânea. Os mecanismos de busca obedeceram à procura por palavras-chave centrais para o campo semântico em torno dos movimentos sociais contemporâneos, como: ativismos; lutas; coletivos; movimentos antiglobalização; movimento negro; movimento feminista; movimento LGBT; junho de 2013; ocupações; conservadorismo; marchas; movimento de moradia etc. Com base no resultado da busca por meio das palavras-chave, seguimos para a seleção de dissertações e teses que versassem diretamente sobre movimentos sociais, lutas e ações coletivas, não bastando que o trabalho versasse sobre formas e noções políticas. Além disso, a busca permitiu identificar novas palavras-chave que expandiram o escopo da investigação para diferentes formatos de atuação política. Com isso, foram adicionadas também palavras-chave relacionadas, como: Marcha da Maconha; Marcha das Vadias; parada LGBT; *pró-impeachment*; feminismos jovens; Copa; horizontalidade; autonomia etc.

A combinação desses critérios de análises resultou na identificação de 170 teses e dissertações. Em termos geográficos, embora o mapeamento contemple todas as regiões do país, a distribuição geográfica revela-se desigual comparativamente. As pesquisas concen-

tram-se na Região Sudeste (45,29%), seguida pela Região Sul (25,29%), Região Nordeste (16,47%), Região Centro-Oeste (10,58%) e, por último, Região Norte (2,35%). Assumimos que a desproporcionalidade entre as regiões se deve, ao menos em parte, em razão das escolhas metodológicas adotadas. Tendo em vista os limites do texto e os temas abordados por outros artigos desta coletânea, foram priorizados movimentos sociais de caráter urbano e que estivessem diretamente relacionados com formatos mais horizontais de atuação política, baseados em identidades coletivas ou ainda pautados em modelos associativos descentralizados concentrados em lutas por reparação e equiparação de direitos.

Por fim, a escolha metodológica não descarta a importância de outros espaços de produção de conhecimento em antropologia, como as publicações de artigos em periódicos, livros e eventos científicos. Entre estes últimos, vale destacar grupos de trabalho, mesas-redondas, fóruns, simpósios, conferências e outros espaços propiciados pelos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e as reuniões bienais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), fundamentais para os avanços teórico-metodológicos da conformação dos campos de estudo anteriormente referidos, do ponto de vista acadêmico e também político. Como salientamos, a opção pelo levantamento de pesquisas pós-graduadas, no entanto, justifica-se pelo esforço de recortar uma produção em ascensão e proliferação entre pesquisadores da nova geração, cujo fôlego se renova em função do enfoque analítico sobre repertórios que lhes são contemporâneos, atrelados substancialmente à expansão dos programas de pós-graduação nos últimos anos e à consequente diversificação das linhas de pesquisa a esses vinculados.

Dos movimentos antiglobalização aos coletivos horizontais

No fim dos anos 1990 e no início dos 2000, o cenário político internacional era marcado pela presença de manifestantes contrários à ordem mundial neoliberal, os chamados movimentos antiglobalização, reconhecidos na literatura acadêmica como a gênese dos NVMS. Os protestos desse ciclo contestatório chegaram à produção antropológica de teses e dissertações no Brasil com uma análise sobre a política antiglobalização em manifestações de rua na Europa e nos Estados Unidos (Giovanni, 2008) e com uma investigação sobre os discursos zapatistas em torno das experiências da globalização e do neoliberalismo no México (Lima, 2009).

Os ecos desse tipo de organização política inspiraram uma série de movimentos sociais no país marcados por uma linguagem organizativa pautada pela contestação das injustiças do sistema capitalista e pelas noções de auto-organização, horizontalidade e autonomia em relação ao Estado, aos partidos políticos e às organizações institucionalizadas, como entidades, conselhos e sindicatos. Tais repertórios informam desde as teses e dissertações sobre o Fórum Social Mundial no Brasil (Giovanni, 2013) até os estudos sobre o Movimento Passe Livre (Pantoja, 2017) e as demais lutas pelo transporte público (Muhale, 2014).

Esse contexto é marcado ainda pela explosão de coletivos políticos voltados para a produção de ativismos jovens e diferentes formas de ação coletiva, analisadas etnograficamente pela chave da horizontalidade e da auto-organização (ou autogestão), considerando-as, muitas vezes, categorias dotadas de heterogeneidade nos usos e nos sentidos atribuídos pelos sujeitos de pesquisa, como no caso de pesquisas sobre os coletivos militantes

das juventudes de periferia em São Paulo e no Rio de Janeiro (Carmo, 2016; Souza, 2017).

No período analisado, a articulação entre movimentos sociais contemporâneos, expressões culturais e *performances* artísticas também surge atrelada a repertórios de engajamento pautados pelas práticas da democracia direta, como na configuração de coletivos horizontais e experiências de ocupações auto-organizadas. Os denominados coletivos culturais chamam a atenção na produção acadêmica com o fortalecimento de espaços alternativos de produção cultural na década de 1990 e início dos anos 2000. É o caso de coletivos de produção audiovisual na cidade de São Paulo (Aderaldo, 2013) e dos coletivos culturais ligados à rede Fora do Eixo, objeto de análise de duas pesquisas dedicadas a etnografias em Porto Alegre e no interior de São Paulo (Irisarri, 2015; Mazzer, 2016). Em todas essas produções, vale destacar a dimensão da autonomia e da ocupação urbana/da cidade/de espaços públicos como traços marcantes.

Nesse sentido, abordagens sobre a perspectiva da horizontalidade e da autonomia nos movimentos sociais contemporâneos aparecem fortemente atreladas às novas tecnologias digitais de comunicação, tanto para o desenvolvimento do potencial de mobilização política nas ruas pelo ciberativismo (Silva, 2012) quanto como parte constitutiva da elaboração desses ativismos na internet (Silva, R. Souza, 2017).

Outros trabalhos mapeados indicam forte relação desses movimentos com os ativismos contemporâneos em torno dos marcadores sociais da diferença, como gênero, raça e classe. É o caso das pesquisas dedicadas ao ativismo de mulheres “periféricas” nas culturas do *funk*, do *hip hop* e do *graffiti* por meio dos coletivos feministas e/ou antirracistas (Ramos, 2016; Samico, 2013; Araujo, 2016; Freitas, 2017); aos engajamentos po-

líticos de jovens negros e/ou periféricos do movimento *hip hop* (Maffioletti, 2013; Pereira, R., 2016); às práticas artísticas e aos engajamentos políticos de coletivos de *funk* (Lucena, 2016); e também aos grupos formados por *rappers* (Souza, 2009).

A produção dá lugar ainda a uma análise mais ampla dos modos de fazer cultura e política, no contexto da construção de uma política nacional de cultura e da proliferação das experiências de democracia participativa no país (Muniagurria, 2016).

Movimentos de moradia urbanos

Os formatos ativistas do fim do século XX informaram também análises etnográficas sobre a constituição dos movimentos de moradia urbanos no Brasil. Nos estudos antropológicos de 2008 a 2018, no que tange às teses e dissertações, nota-se a problematização das configurações em torno da dicotomia entre o caráter autonomista ou autônomo e institucionalizado das lutas em relação ao Estado para a composição de modos de organização da luta por moradia nas cidades. As análises descrevem o caráter polissêmico, situacional e relacional das categorias atreladas a esse repertório de engajamento em contextos que se desdobram desde as ocupações de moradia em São Paulo (Aquino, 2009; 2015; Paterniani, 2013), em Fortaleza (Lima, 2012), em São José dos Campos (Andrade, 2010; Barretti, 2018) e no Rio de Janeiro (Ostrower, 2012). Nessas produções, é notável o esforço de tornar complexa a recorrente cisão entre antigos e novos movimentos sociais. Nos estudos mapeados, vale destacar também a perspectiva das táticas de ocupação como um modo privilegiado de resistência, costurando analiticamente a dimensão do direito à moradia a categorias como família, casa e luta.

Movimentos antiproibicionistas e canábicos

O campo de estudos sobre movimentos sociais na antropologia, no período analisado, contempla também análises em teses e dissertações sobre o surgimento das marchas da Maconha no Brasil e os impasses judiciais relacionados à autorização para a realização de manifestações contrárias à proibição e à criminalização das drogas. Em um contexto de expansão dos movimentos marcados pelas lutas antiglobalização, as marchas da Maconha (que se autodeclararam coletivos) encontram espaços de convergência em manifestações como o Fórum Social Mundial (FSM). Entre 2008 e 2018, os debates sobre um modelo alternativo ao combate de guerra às drogas se fortalece, abrindo espaço para a criação de coletivos antiproibicionistas.

As pesquisas mapeadas sobre o tema concentraram atenção nas experiências e trajetórias que viabilizaram a constituição de um movimento pró-*cannabis* no Rio de Janeiro (Silvestrin, 2013) e de coletivos antiproibicionistas em Natal (Campos, 2013), nas dimensões da criminalização do uso recreativo para a situação das liberdades individuais e dos direitos na Bahia (Santos, F., 2017), bem como os conflitos e as lutas pela liberação da maconha na Colômbia (Sierra, 2018). Embora de forma incipiente, a produção também proporcionou importantes aportes sobre o uso medicinal do canabidiol em crianças com epilepsia, articulando noções como cuidado, solidariedade e ativismo entre pacientes e familiares (Oliveira, 2016).

Movimentos ambientalistas e abolicionismo animal

Nos últimos anos, dissertações e teses empenharam-se também em analisar mo-

vimentos sociais em torno dos animais, da ecologia e/ou do meio ambiente. Esses trabalhos concentram atenção especial nos movimentos vegano e vegetariano atrelados aos direitos animais e ao abolicionismo animal, sobretudo a partir de 2012. No período analisado, as pesquisas enfatizaram aspectos sobre símbolos e moralidades atinentes ao movimento vegetariano (Lira, 2013), diferentes configurações de ideias e práticas que norteiam a luta de vegetarianas em defesa dos animais (Almeida, 2012), os engajamentos e mobilizações políticas nos processos de atribuição e reconhecimento de identidades no movimento vegano (Vilela, 2013), bem como as mobilizações do veganismo não só em relação aos hábitos alimentares, mas também na indústria do entretenimento (rodeios, touradas e circos, por exemplo) e na produção científica que lança mão de testes em animais (Ferrigno, 2012).

Tal conjunto de trabalhos conta também com pesquisa que traz à tona a categoria de bem-estar animal, em referência à adoção de medidas que reduzam o sofrimento dos animais, especialmente na produção de gado de corte (Froehlich, 2016), e uma etnografia sobre movimentos sociais de escala internacional que articulam a defesa dos alimentos orgânicos à educação para a mudança de hábitos alimentares e de consumo (Schneider, 2015). No mesmo âmbito, as produções sobre alimentação e meio ambiente lançam luz sobre os movimentos de agricultura urbana, como aqueles ligados à agroecologia e à expansão das hortas comunitárias na cidade (Machini, 2018).

De modo mais abrangente, as etnografias destacam ainda a construção da ideia dos animais como sujeitos de direitos por parte dos movimentos, seja pelo combate a todo tipo de “exploração animal” (Franco, 2015), seja pela defesa da extensão aos não huma-

nos da mesma “consideração moral” (Souza, 2013).

Jornadas de junho e pós-junho de 2013

Os protestos de junho de 2013, comumente associados ao repertório de luta dos NVMS em razão da descentralização das ações coletivas auto-organizadas, são objeto de pesquisa em teses e dissertações no campo da antropologia desde 2016. O caráter complexo, polissêmico e heterogêneo dos eventos, suas consequências e desdobramentos são temas de análises etnográficas sobre práticas políticas e formas de organização (Monteiro, M., 2018; Lobato, 2016; Cabral, 2016) e sobre a força do midiativismo como uma alternativa à grande imprensa na consolidação das redes sociais como um espaço de disputas e tensões (Moreira, 2016).

A ampla gama de análises sobre os movimentos sociais contemporâneos no Brasil pós-junho se estende também à rede de contestações aos megaeventos sediados no país entre 2013 e 2016. A série de despejos e remoções forçadas em torno das grandes obras para a Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo (2014) e Jogos Olímpicos (2016) — como construções de estádios, arenas, avenidas e sistemas de transporte — impulsionou protestos de rua, ocupações de moradia auto-organizadas e a formação de coletivos políticos horizontais e comitês populares nas cidades-sede dos megaeventos.

Nesse período, palavras de ordem como “Não vai ter Copa!” ou “Copa pra quem?” espalharam-se em manifestações e intervenções populares. Rio de Janeiro e Porto Alegre, as cidades com maior número de remoções, foram palco de lutas, mobilizações coletivas e ocupações (Gutterres, 2014; Mesomo, 2014; Fernandes, 2013). O movimento Resistência Aldeia Maracanã ganhou projeção

nacional quando a ocupação de diferentes etnias indígenas no antigo Museu do Índio se tornou alvo de disputa entre o Estado e os ocupantes no entorno do estádio do Maracanã (Pinto, V., 2014). Em Pernambuco, a demolição de moradias no âmbito das obras de mobilidade para a Copa do Mundo também foi tema de dissertação dedicada ao loteamento São Francisco, no município de Camaragibe, na região metropolitana do Recife (Moura, 2016).

Além disso, outros movimentos de ocupação associados a essas experiências surgem como um campo profícuo de análises a respeito dos eventos pós-junho de 2013. Nas teses e dissertações dos últimos anos, as etnografias alcançam processos políticos quanto à ocupação como tática de luta privilegiada a partir de então, em contextos que se desdobram para além do escopo da luta por moradia e atingem movimentos pelo transporte público (Segarra, 2015), pela educação em escolas públicas (Barbosa, 2018), em ocupações culturais e/ou artísticas (Gonçalves, 2017; Leite, 2018) e coletivos de ativistas urbanos pela ocupação de espaços públicos (Trindade, 2016).

Movimentos sociais conservadores

Ainda é incipiente a produção de pesquisas antropológicas que trataram de analisar a atuação de movimentos sociais conservadores, liberais e/ou de direita nos tempos atuais. As dissertações e teses encontradas a esse respeito entre 2008 e 2018 articularam temas e repertórios diversos que vão do “ódio” e “neonazismo” (Dias, 2018) ao “protagonismo” e “pró-liberalismo” (Barbieri, 2018). Publicados mais recentemente, são estudos que enveredaram por pesquisa de campo e documental para mapear grupos e identificar atores e eventos. Tais investiga-

ções ampliam os desafios ético-metodológicos de constituição da alteridade nas relações estabelecidas entre antropólogo e campo.

Movimentos religiosos

No período de 2008 a 2018, há ainda pesquisas antropológicas em teses e dissertações que se propuseram a refletir sobre a incidência política de movimentos sociais de cunho religioso. Há nelas uma ênfase nos processos de diversificação da atuação política de grupos religiosos, como a realização de grandes eventos organizados por igrejas e congregações ou a incidência em universidades por meio da criação de coletivos cristãos. Nesse sentido, é possível encontrar pesquisas que se dedicaram a realizar etnografias sobre movimentos católicos conservadores (Testa, 2013) ou sobre coletivos universitários cristãos (Rocha, 2011).

O surgimento de eventos cristãos de grande escala, como a Marcha para Jesus, também foi acompanhado em investigações antropológicas dedicadas a compreender a constituição de coletividades evangélicas (Silva, R. Sant’anna, 2017). Além da atuação política de grupos cristãos, foi possível encontrar análises sobre os impasses entre religião e ciência no movimento neoateísta (Gordon, 2011).

Puderam-se mapear também produções em antropologia que tangenciam a temática dos movimentos sociais e discursos religiosos na intersecção entre os direitos humanos e o Islã no Brasil (Manfrinato, 2016) e no Marrocos (Slenes, 2014). Além disso, as pesquisas direcionadas às religiões de matriz afro-brasileira ofereceram análises a respeito da produção de políticas públicas e do fazer social em terreiros. As dissertações investigaram a regulamentação de rituais religiosos afro-brasileiros (Boniolo, 2014), bem como

o uso de noções como ação política e trabalho social entre sacerdotes do candomblé (Renou, 2011).

Movimentos feministas e LGBT

A consolidação das linhas de pesquisa sobre gênero e sexualidade propiciou a profusão do interesse em trabalhos sobre as transformações que marcaram os movimentos feministas e LGBT na última década. Esse campo de estudos cresce significativamente nos anos 2000, pela expansão dos programas de pós-graduação do Brasil e pela diversificação das suas linhas de pesquisa, e ganha proeminência no levantamento de teses e dissertações defendidas no âmbito dos marcadores sociais da diferença e dos seus crescentes processos de politização nos departamentos de antropologia entre 2008 e 2018. As pesquisas acompanham também a diversificação de formatos ativistas e a proliferação de novos repertórios relacionados às práticas, expressões e identidades em termos de gênero e sexualidade.

No período analisado, o campo de pesquisas sobre as dinâmicas e as mudanças dos movimentos feministas contemporâneos evidenciou-se a partir da década de 2010 em torno dos protestos que se identificam com as

práticas autonomistas e de liberdade sexual no combate à violência sexual e de gênero⁶ e em defesa dos direitos reprodutivos⁷, sobretudo nos protestos da Marcha das Vadias, a partir de 2011, e durante a Primavera das Mulheres, em 2015 (Souza, 2015; Morais, 2015; Vargas, 2016; Batista, 2017; Gomes, 2018). Nesse sentido, destacam-se também os estudos etnográficos sobre formas horizontais de organização das feministas autônomas, seja em perspectiva comparada com as feministas institucionalizadas nos processos de renovação geracional (Silva, 2010; Carmo, 2018), seja nas intersecções entre música e feminismos no movimento *riot grrrl* (Silva, 2018).

É considerável o aumento no número de produções com enfoque na multiplicidade de diferenciações em articulação, as chamadas interseccionalidades. Nota-se a proliferação de pesquisas sobre o movimento feminista centradas na articulação com diferenças em termos de raça e classe, sobretudo. No âmbito dos feminismos negros, destacam-se teses e dissertações sobre a condição da mulher negra nos processos de politização das diferenças associadas às suas experiências particulares em relação às desigualdades, à colonização, ao racismo e ao sexismo (Correia, 2015; Alves, 2018; Souza,

6 A gama de trabalhos associados às temáticas de violência contra a mulher é extensa. Teses e dissertações sobre violência sexual, violência doméstica e a Lei nº 11.430/2006 (Lei Maria da Penha) figuram entre as mais numerosas de toda a produção acerca das temáticas de gênero na antropologia. Ante os limites deste artigo, cujo escopo se restringe às configurações de movimentos sociais propriamente ditos, não será possível nos determos nessa vasta produção. Da longa lista de teses e dissertações sobre o tema em antropologia entre 2008 e 2018, ver mais: Andrade, 2018; Andrade, 2012; Lins, 2014; Brocksom, 2010; Garcia, 2016; Reis, 2016; Silva, 2013; Farias, 2015; Nadai, 2012; Silva, M., 2017.

7 O aborto, no âmbito dos direitos reprodutivos e sexuais, coloca-se entre as pautas históricas do movimento feminista brasileiro desde a década de 1970, quando se intensifica a luta para reformar o Código Penal em relação à legalização da prática. Desde então, a pauta é alvo de produções de teses e dissertações em antropologia. Reformulações e balanços sobre o aborto no campo de estudos sobre moralidades e processamentos penais estão entre as referências, de 2008 a 2018: Porto, 2009; Viana, 2015; Beltrame, 2016; Sousa, 2016; Tussi, 2014; Rangel, 2015; Arnaud, 2008; Ferreira, E., 2012; Silva, M., 2017; Valpassos, 2011; Potech, 2013.

2018; Mello, 2016) ou em relação à arte e ao espaço urbano (Ferreira, 2017). No bojo das produções sobre gênero, interseccionalidades e movimentos sociais, mapeamos também uma produção no campo da antropologia sobre prostituição feminina e militância (Olivar, 2010).

A figura da mãe e as questões ligadas à maternidade e ao parto também revigoram o campo dos estudos sobre movimentos feministas contemporâneos no Brasil. A partir de 2011, cresce a produção de teses e dissertações que redimensionam os significados políticos atribuídos à maternidade e à saúde feminina, abrindo diálogos entre feministas, mães e adeptas do parto humanizado (Trotta, 2017; Segata, 2017; Carneiro, 2011; Rodrigues, 2015; Simas, 2016; Mendonça, 2013; Santos, 2016; Hirsch, 2014; Pulhez, 2015).

Ante a emergência crescente de reações conservadoras com base no debate sobre família e gênero, despontam ainda pesquisas que oferecem tanto perspectivas que corroboram as tensões históricas entre o movimento feminista e as diferentes religiosidades quanto abordagens que desestabilizam vozes religiosas oficiais em torno de pautas relativas ao aborto, às questões de gênero na escola e ao “empoderamento” feminino no campo religioso. Entre esses estudos, podem-se mapear trabalhos que analisam a atuação da ONG feminista Católicas pelo Direito de Decidir (Silva, 2015), as lideranças femininas neopentecostais (Pinto, A., 2014), o movimento feminista ecumênico brasileiro (Duarte, 2018) e a atuação política de conservadores religiosos no espaço público (Freire, 2018).

Já no campo das transformações de formatos de atuação política dos ativismos relacionados às lutas LGBT e trans, houve um interesse de pesquisas sobre a atuação de ONGs, associações, paradas do orgulho,

grupos políticos e demais formatos associativos que viabilizaram ações políticas coletivas voltadas para estratégias como incidência política e visibilidade (Barbosa, 2010; Lopes, 2011; Ferreira, G., 2012; Aguião, 2014; Zanoli, 2015; Miranda, 2017; Franco, 2018). É possível encontrar nessas pesquisas uma ênfase nas limitações e dificuldades de implementação de modelos associativos mais estruturados e hierárquicos, como os ativismos formatados em ONGs, quando não a avaliação acerca de um determinado esgotamento de formatos de atuação mais institucionalizados. Vale destacar que o período analisado é marcado pela sobreposição de modelos de atuação política mais ou menos institucionais, de modo que as ONGs ainda despontam como objeto de análise também na luta feminista em pesquisa sobre a configuração dos ativismos contra o assédio sexual no Egito (Fontoura, 2016).

A diversificação de formatos associativos apareceu em estudos sobre grupos de mães de pessoas LGBT (Novais, 2018) e igrejas inclusivas (Jesus, 2012; Honorato, 2016; Oliveira, 2017). Houve também pesquisas voltadas para lutas que articulam gênero e sexualidade em contextos de movimentos estudantis (Alegria, 2016; Barbosa, 2018) e em iniciativas voltadas para cursinhos populares LGBT (Silva, T., 2017). Ainda que incipiente, vale destacar o interesse da antropologia nas expressões e identidades de gênero dissidentes dos formatos reconhecidos e legitimados socialmente, como aquelas que são reivindicadas por pessoas não binárias (Krasota, 2016). Nessas pesquisas, enfatizaram-se articulações derivadas dos trabalhos de campo entre práticas sexuais, ações políticas e processos de subjetivação inerentes à constituição de identidades e identificações.

Nesse sentido, chama a atenção a profusão de pesquisas que se dedicaram a ana-

lisar práticas políticas e ativismos de travestis, mulheres trans, homens trans e pessoas intersexuais. Parte delas concentrou atenção em procedimentos, protocolos, dinâmicas, agentes e equipamentos de Estado direcionados ao atendimento especializado a essas populações. As produções também analisaram documentos judiciais e administrativos (Zahra, 2014; Alexandre, 2015; Nunes, 2016; Pereira, D., 2016), elaboraram reflexões sobre saberes, práticas e produção de conhecimento (Barbosa, 2015) e refletiram sobre temporalidades e reivindicações nos protocolos adotados na atuação de médicos e operadores de saúde para pessoas transexuais (Almeida, 2018) e intersexuais (Machado, 2008).

No contexto das transformações nos formatos ativistas e da proliferação de repertórios de engajamento, vale destacar ainda o uso de novas tecnologias e dispositivos de comunicação nas análises recentes, levando em consideração os espaços virtuais, as redes sociais e a internet. Esse conjunto de pesquisas destacou a emergência de novos formatos e repertórios de atuação política LGBT e feminista em redes sociais, como o Twitter e o Facebook, em *blogs e sites* (Falcão, 2017; Bulgarelli, 2018; Junior, 2018; Silveira, 2013).

A partir de 2015, os estudos direcionados às abordagens que buscaram refletir sobre o corpo e as dinâmicas de constituição da identidade de homens trans (Rego, 2015), bem como a respeito das experiências de gravidez, gestação e reprodução entre homens trans (Monteiro, A., 2018), também ganharam destaque nas produções antropológicas de teses e dissertações sobre a relação entre identidades de gênero e transmasculinidades. Além disso, outras questões sobre saúde e direitos, reconhecimentos e agências foram abordadas em pesquisas que se dedicaram a estudar o ativismo e o fazer político de homens trans (Cordeiro, 2016; Ribeiro, 2018).

Por fim, eventos marcantes também ganharam espaço nos estudos antropológicos inseridos no campo dos estudos de gênero e sexualidade. Investigações que se dedicaram a retratar tragédias em boates LGBT (Arosi, 2017) ou que se ocuparam de reconstituir redes que formaram uma imprensa lésbica brasileira (Maia, 2017) enveredaram por diferentes caminhos na tentativa de reconfigurar contextos e perspectivas em etnografias.

Raça e movimento negro

No campo dos estudos antropológicos sobre os marcadores sociais da diferença, raça também surge como uma categoria central de análise em teses e dissertações entre 2008 e 2018. A incidência significativa de pesquisas que articulam noções como raça e relações étnico-raciais, política e movimentos sociais, apontam, ao menos em parte, para uma dedicação de antropólogos/as brasileiros/as em estudos em comunidades quilombolas e tradicionais e em investigações teóricas que consideram a relevância das diferenciações produzidas com base e por meio de categorias como raça, etnia, racismo, etnicidade, etnocídio, identidades, colonialidade. Além disso, chama a atenção o surgimento de abordagens e questões teórico-metodológicas em pesquisas mais recentes com o potencial de sugerir transformações e reconfigurações tanto nas práticas e formulações do movimento negro como nos estudos antropológicos que se dedicaram a estudar tais fenômenos.

Foi possível verificar a existência de pesquisas que investigam formatos de participação entre sociedade civil e poder público, reforçando o caráter de sobreposição de modelos de atuação entre NMS e NVMS identificados em lutas políticas com base em raça e etnia. A incidência institucional

de militantes negros/as em espaços de articulação socioestatal foi observada por meio de discussões sobre intolerância religiosa em conselhos municipais voltados para questões étnico-raciais (Almeida, R., 2014).

Partindo de pesquisas que analisaram lutas e ações políticas no âmbito dos movimentos negros urbanos, identificou-se ênfase em discussões a respeito das lutas antirracistas e das relações raciais. Emergem dessas pesquisas categorias como branquitude e negritude, além de distintos formatos classificatórios na constituição das diferenciações internas no movimento negro e também a respeito de suas práticas e concepções de atuação política (Sales, 2015; Lopes, 2016; Silva, G., 2017).

Chama a atenção a quantidade de dissertações que, desde 2012, passou a articular questões envolvendo gênero e raça/etnia em torno de debates sobre corpo, cabelo, estética, identidade e empoderamento. Um conjunto diversificado de aportes teórico-metodológicos e investimentos etnográficos em trabalhos de campo possibilitaram pesquisas sobre empoderamento de mulheres negras (Santos, 2012), transição capilar (Gomes, 2017; Aguiar, 2018) e o cabelo como *performance* identitária (Quintão, 2013). A articulação desses temas com o crescente uso de redes sociais também apareceu em análises recentes que se dedicaram a acompanhar páginas no Facebook sobre empoderamento de mulheres negras (Maia, 2018) e sobre os inter cruzamentos entre transição capilar, consumo e interseccionalidade no YouTube (Matos, 2017).

Notam-se também pesquisas de doutorado dedicadas à investigação de ativismos e movimentos negros em contextos geográficos inter-regionais e internacionais. As produções acadêmicas sobre lutas antirracistas em Cuba (Souza, 2015) e sobre a articulação entre violência e território nos movimentos negros da região do Pacífico colombiano

(Rojas, 2016) apresentaram aportes importantes para se obter uma compreensão mais alargada das dinâmicas de lutas de movimentos negros latinos e caribenhos. Discussões em torno das cotas étnico-raciais e das políticas públicas e de reparação ofereceram análises tanto sobre a implementação de políticas públicas de enfoque étnico-racial em países do Cone Sul (López, 2009) e de ações afirmativas em cursos de direito e medicina no Brasil (Assis, 2014) quanto sobre uma política de saúde voltada para a população negra em Maceió (Santos, R., 2017).

Entre 2008 e 2018, vale destacar a incidência de pesquisas sobre diferentes tipos de violência que consideraram uma abordagem racial dos fenômenos estudados. A seguir, serão apresentadas teses e dissertações que trataram da violência policial e militar durante as ditaduras militares latino-americanas e já no contexto de democratização de países latinos. De certo modo, o recorte desses estudos permite problematizar os efeitos do processo brasileiro de transição democrática para as configurações contemporâneas de forças judiciais e policiais e o seu impacto na reprodução sistemática de violências contra determinadas populações nos espaços urbanos.

Ditadura militar e violência policial

É possível verificar na produção de pesquisas antropológicas brasileiras um conjunto de dissertações e teses sobre ditaduras militares na América Latina, mortos e desaparecidos políticos em regimes de exceções e mobilização política de familiares em torno da memória de seus entes vitimados pela violência de Estado. No caso brasileiro, o lapso entre o fim da ditadura militar (1985) e a instauração de uma Comissão Nacional da Verdade (2011) acarretou impactos tanto para a responsabilização sobre as mortes e os desaparecimentos

ocorridos durante o período militar como em relação ao processo de democratização das instâncias do Estado, sobretudo aquelas vinculadas às forças policiais, judiciais e militares. Tais impactos são notáveis na literatura produzida no período analisado.

Algumas produções ajudam a compreender os processos de anistia e reparação do Estado pela perseguição política cometida durante a ditadura militar brasileira (Rosito, 2010), bem como a produção da memória sobre o passado ditatorial argentino (Sanjurjo, 2013). Tanto nessas pesquisas como em investigações dedicadas a compreender os sentidos processados nos contextos de exumação de corpos de desaparecidos políticos do período ditatorial (Ribeiro, 2015), é possível observar uma incidência de investigações que se debruçaram sobre o contexto tardio de produção de memória e verdade sobre as ditaduras latino-americanas. Destaque especial deve ser feito a um conjunto de teses que recuperou processos de reconstituição de parentesco entre netos apropriados pela ditadura (Massa, 2016), bem como as lutas de familiares de mortos e desaparecidos (Goes, 2012; Azevedo, 2016) em ditaduras militares.

As consequências a respeito da incompletude dos processos de transição democrática, sobretudo em relação às forças judiciais e policiais, aparecem em um conjunto de pesquisas que tratam sobre a violência policial e urbana. No contexto da cidade do Rio de Janeiro, há um empenho em etnografias sobre a violência e a implementação de medidas de pacificação em favelas (Toscano, 2015). Um conjunto expressivo de análises buscou compreender as dinâmicas envolvendo mães que perderam seus filhos em contextos de violência (Arosi, 2013; Lima, 2013; Santos, 2018) ou que lutam pela sobrevivência e liberdade de filhos encarcerados (Mestre, 2016). A violência direcionada

a jovens e adolescentes ainda é analisada com base em eventos que marcaram a sociedade e ganharam repercussão (Lacerda, 2012), mobilizando a opinião pública a respeito de temas como tortura e homicídio.

Conclusão

Este artigo realizou um levantamento bibliográfico sobre movimentos sociais no período de dez anos (2008–2018) no campo da antropologia. A pesquisa no catálogo de teses e dissertações da CAPES apontou que, no Brasil, as fronteiras entre os NMS e NVMS são porosas, uma vez que ambas formas de ação coletiva se estabelecem mutuamente na profusão do ativismo contemporâneo. Os trabalhos aqui revisados apontaram que os movimentos antiglobalização foram precursores das novas formas de organização mais descentralizadas que vieram a explodir no Brasil do século XXI, especialmente com a profusão de coletivos horizontais.

As Jornadas de Junho de 2013, a Primavera Feminista em 2015 e as Ocupações Secundaristas em 2016 foram eventos-chave da história recente da política do país, estimulando o interesse de pesquisa em formas de lutas como ocupações, coletivos e manifestações de massa. Além disso, o levantamento também apontou que temáticas consolidadas na antropologia há muitas décadas, como gênero, sexualidade e raça, expandiram ainda mais seu alcance, sugerindo crescente interesse em entender o papel das novas tecnologias digitais, das Primaveras e das grandes marchas na constituição desses movimentos.

Não há dúvidas de que esse campo robusto de trabalhos empíricos etnográficos reflete as transformações por que o Brasil passou no século XXI. Essas mudanças no cenário político nacional conformaram novas subjetividades de ativistas e de pesquisa-

dores. Existe uma nova geração de pós-graduandos em antropologia que é fruto desse momento nacional e que procura interpretar, muitas vezes de um ponto de vista engajado, tais transformações. Vale ainda notar que o levantamento bibliográfico abarcou trabalhos defendidos até 2018 — ano em que a extrema-direita venceu o pleito eleitoral com a vitória presidencial de Jair Bolsonaro. Pode-se conjecturar que essa mesma geração também responderá à necessidade de se compreender etnograficamente as novas direitas e o conservadorismo e suas articulações com as raízes culturais do autoritarismo brasileiro.

Por fim, o artigo apresenta algumas limitações. Apesar do esforço no mapeamento de tais produções, é imprescindível destacar o caráter parcial e preliminar dos dados levantados, pois invariavelmente há lacunas importantes, e recai sobre os autores a responsabilidade sobre a ausência de trabalhos que, porventura, não apareçam citados. O caráter panorâmico da análise, em razão tanto da abrangência do enfoque encomendado quanto das limitações inerentes a um artigo, justifica a necessidade de um diagnóstico mais denso e aprofundado sobre os dados levantados em termos qualitativos.

Bibliografia

- ADERALDO, Guilherme Andre. **Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- AGUIÃO, Sílvia. **Fazer-se no “Estado”: uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- AGUIAR, Tais Rodrigues. **Cabelo além da estética: transições capilares e identitárias pelas negras**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- ALEGRIA, Paula. **Sexualidade, política e juventude: uma etnografia das configurações de experimentação da sexualidade e do movimento estudantil entre alunos de uma escola pública**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- ALEXANDRE, Juliana Ribeiro. **Emoções, documentos e subjetivação na construção de transexualidades em João Pessoa/PB**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- ALMEIDA, Anderson Santos. **Vidas em espera: uma etnografia sobre a experiência do tempo no processo transexualizador**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- ALMEIDA, Igor Cirilo Faria. **“Não queremos gaiolas maiores, queremos gaiolas vazias”: uma etnografia de “defensoras” de animais e vegetarianas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.
- ALMEIDA, Rosiane Rodrigues de. **Quem foi que falou em igualdade?: controvérsias em torno dos usos e significados da categoria intolerância religiosa entre os membros do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro da cidade do Rio de Janeiro (Comdedine-Rio)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

- ALVES, Thais da Rosa. **Entre a política e o movimento: as concepções e as práticas políticas de mulheres negras no Morro da polícia/Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- ANDRADE, Fabiana de. **Fios para traçar, jogos para armar: o fazer policial nos crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- ANDRADE, Fabiana de. **Mas vou até o fim: narrativas femininas sobre experiências de amor, sofrimento e dor em relacionamentos violentos e destrutivos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ANDRADE, Inácio de Carvalho Dias. **Movimento social, cotidiano e política: uma etnografia da questão identitária dos sem-teto**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- AQUINO, Carlos Roberto Filadelfo de. **A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- AQUINO, Carlos Roberto Filadelfo de. **A luta está no sangue: família, política e movimentos de moradia em São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ARAÚJO, Ayni Estevão de. **Entre manas e manos: uma etnografia com o movimento de mulheres do hip hop e a Casa do Hip Hop Sanca**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- ARNAUD, Livia Krause. **Mulheres e abortos: negociando moralidades**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- AROSI, Ana Paula. **A vítima como categoria política: um estudo etnográfico sobre o movimento de familiares de vítimas de violência no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- AROSI, Ana Paula. **“Lutar não é loucura”: gestão de desastres, de crises psicológicas e movimentos de familiares de vítimas após o incêndio na boate Kiss**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- ASSIS, Yérsia Souza de. **A experiência das ações afirmativas na Universidade Federal de Sergipe: os cursos de Direito e Medicina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.
- AZEVEDO, Desirée de Lemos. **“A única luta que se perde é aquela que se abandona”: etnografia entre familiares de mortos e desaparecidos no Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- BARBIERI, Alexia Oliveira. **A nova onda liberal: uma etnografia do protagonismo e engajamento pró-liberalismo no Brasil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- BARBOSA, Bruno Cesar. **Imaginando trans: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BARBOSA, Fernanda Stroher. **Ocupo, logo existo: ocupações secundaristas e o tecer de outra educação possível**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.
- BARBOSA, Luanna Mirella de Souza. **Localidade ou metrópole? Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

- BARRETTI, Fabrício dos Santos. **O germinar do Pinheirinho dos Palmares: etnografia das relações entre removidos, movimento social e Estado**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.
- BATISTA, Paula Nogueira Pires. **“Nós comemos e regurgitamos”: feminismos transnacionais e coalizões potenciais a partir da Marcha das Vadias de Goiânia/GO**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- BELTRAME, Priscilla Braga. **Aborto: a controvérsia das feminilidades**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- BONIOLO, Roberta Machado. **“Um tempo que se faz novo”: o encantamento de uma política pública voltada à regulamentação dos rituais de religiões afro-brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- BROCKSOM, Sandra. **Vidas e(m) leis: uma etnografia a partir da Lei Maria da Penha**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- BULGARELLI, Lucas. **[ALERTA TEXTÃO] – Estratégias de engajamento político do movimento LGBT da cidade de São Paulo em espaços de interação online e off-line (2015-2016)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- CABRAL, Claudia Peixoto. **Os dois lados do espelho: protestos de junho de 2013 – construção de discurso de poder e controle social**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- CAMPOS, Natália de. **Militância, organização e mobilização antiproibicionista da maconha: coletivos, eventos e marchas em Natal (RN)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- CARMO, Iris Nery do. **O “rolê feminista”: uma etnografia entre feministas autônomas em grandes capitais brasileiras**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- CARMO, Milena Mateuzi. **Margem adentro: políticas sociais, sujeitos e resistências na zona sul de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CARNEIRO, Rosamaria Giatti. **Cenas de parto e políticas do corpo: uma etnografia de experiências femininas de parto humanizado**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- CORDEIRO, Ana Carolina Silva. **Gênero, corpo, saúde e direitos: experiência e narrativas de homens (trans) e homens (boys) em espaços públicos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- CORREIA, Ana Paula de Santana. **Mulheres da periferia em movimento: um estudo sobre novas trajetórias do feminismo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2015.
- DAY, Richard. From hegemony to affinity: The political logic of the newest social movements. **Cultural Studies**, v. 18, n. 5, p. 716-748, 2004. <https://doi.org/10.1080/0950238042000260360>
- DELLA PORTA, Donatella. **Social movements in times of austerity: bringing capitalism back into protest analysis**. Londres: John Wiley & Sons, 2015.
- DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

- DUARTE, Tatiane dos Santos. **Sobre persistências históricas ou sobre insistentes rebeldias feministas no movimento ecumênico brasileiro**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- ESCOBAR, Arturo. Culture, practice and politics: anthropology and the study of social movements. **Critique of Anthropology**, v. 12, n. 4, p. 395-432, 1992. <https://doi.org/10.1177%2F0308275X9201200402>
- ESCOBAR, Arturo. **Encountering development: the making and unmaking of the Third World**. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- ESCOBAR, Arturo. **The making of social movements in Latin America: identity, strategy, and democracy**. Nova York: Routledge, 2018.
- FALCÃO, Thiago Oliveira. **Memes, textões e problematizações: sociabilidade e política a partir de uma comunidade de LGBT universitários no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- FARIAS, Lillyane Priscila Silva de. **“A justiça penal não se realiza a qualquer preço”: etnografia de processos envolvendo estupro de vulnerável no RN**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- FERNANDES, Adriana dos Santos. **Escuta Ocupação: arte do contornamento, viração e precariedade no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- FERREIRA, Emília Juliana. **Um grande júri: análise do processamento penal do aborto**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- FERREIRA, Glauco Batista. **Arco-íris em disputa: a “Parada da Diversidade” de Florianópolis entre políticas, sujeitos e cidadanias**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- FERREIRA, Glauco Batista. **Arte, ativismo e espaço urbano na Baía de São Francisco através das ações do Queer Women of Color Media Arts Project – QWOCMAP**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- FERRIGNO, Mayra Vergotti. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- FONTOURA, Renata Moreira. **Retóricas, embates e mediações na construção da categoria de assédio sexual no Cairo, Egito: uma etnografia na ONG Harassmap**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- FRANCO, Ana Paula Perrota. **Humanidade estendida: a construção dos animais como sujeito de direitos**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- FRANCO, José Luiz de Moraes. **Cores e Dores do Movimento LGBT de Belém do Pará: trajetória, participação e luta**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- FREIRE, Laura. **Retomando a consciência: reações conservadoras a partir do debate sobre família e gênero**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2018.
- FREITAS, Thayanne Tavares. **Pintando com elas: uma etnografia a partir do coletivo de graffiti Freedas Crew**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- FROEHLICH, Graciela. **O bem-estar na carne: um estudo antropológico sobre as relações entre humanos e animais a partir da categoria de “bem-estar animal”**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

- GARCIA, Isis de Jesus. **A produção de justiça: um estudo sobre o juizado de violência doméstica e familiar contra a mulher**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- GERBAUDO, Paolo. **The mask and the flag: populism, citizenism, and global protest**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- GIBB, Robert. Toward an anthropology of social movements. **Journal des Anthropologues**, n. 85-86, p. 233-253, 2001. <https://doi.org/10.4000/jda.2904>
- GIOVANNI, Julia Ruiz di. **Cadernos do outro mundo: o Fórum Social Mundial em Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GIOVANNI, Julia Ruiz di. **Seattle, Praga, Gênova: política anti-globalização pela experiência da ação de rua**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GOES, Roderlei Nagib. **Dos filhos (desaparecidos) deste solo é mãe gentil?** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- GOMES, Carla de Castro. **Corpo, emoção e identidade no campo feminista contemporâneo brasileiro: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- GOMES, Larisse Louise Pontes. **“Posso tocar no seu cabelo?” Entre o liso e o crespo: transição capilar, uma (re)construção identitária?** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- GONÇALVES, Guilherme Neves. **De chão e portões: a ocupação cultural de um instituto psiquiátrico e as relações entre arte, política e espaço no contemporâneo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- GORDON, Flavio. **A Cidade dos Brights: Religião, Política e Ciência no Movimento Neo-Ateísta**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- GRAEBER, David. The new anarchists. **New Left Review**, v. 13, n. 6, p. 61-73, 2002.
- GUTTERRES, Anelise dos Santos. **A resiliência enquanto experiência de dignidade: antropologia das práticas políticas em um cotidiano de lutas e contestações junto a moradoras ameaçadas de remoção nas cidades sede da Copa do Mundo 2014 (Porto Alegre, RS e Rio de Janeiro, RJ)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- HIRSCH, Olivia. **O parto “natural” e “humanizado”: um estudo comparativo entre mulheres de camadas populares e médias no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- HONORATO, Isabelle Brambilla. **Entre tensionamentos e disputas: família, religião e o processo de se assumir entre os jovens de uma Igreja inclusiva de Manaus**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.
- IRISARRI, Victoria. **Fora do eixo, dentro do mundo: política, mercado e vida cotidiana em um movimento brasileiro de produção cultural**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- JAD, Islah. NGOs: Between buzzwords and social movements. **Development in Practice**, v. 17, n. 4-5, p. 622-629, 2007.

- JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidade e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai Vieira. **Quantas curtidas merece essa trans?: A recepção da transexualidade nas mídias digitais**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2018.
- KRASOTA, Alisson Gebrim. **Uma noção de pessoa trans não binária**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- LACERDA, Paula Mendes. **O “caso dos meninos emasculados de Altamira”: polícia, justiça e movimento social**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- LEITE, Luciana de Lima Lopes. **OCUPAR É REXISTIR! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do Coletivo OcupARTHE em Teresina (2014)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.
- LIMA, Andressa Lídcy Morais. **Okupar, resistir, insistir: uma etnografia das práticas de ocupação urbana Fortaleza/Ceará**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- LIMA, Anna Georgea Franco Feitosa Mayer de Araujo. **Rituais da dor (uma análise do grupo Mães na Dor de João Pessoa PB)** – Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- LIMA, Junia Marusia Trigueiro de. **O caminhar das palavras: um estudo sobre formas de resistência no discurso zapatista**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- LINS, Beatriz Accioly. **A lei nas entrelinhas: a Lei Maria da Penha e o trabalho policial em duas Delegacias de Defesa da Mulher de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- LIRA, Luciana Campelo de. **Limites e paradoxos da moralidade vegan: um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- LOBATO, Caio Pereira. **Devir-democrático e alter-políticas: ensaio etnográfico sobre assembleias populares horizontais do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- LOPES, Joyce Souza. **Lugar de branca/o e a/o “branca/o fora do lugar”: representações sobre a branquitude e suas possibilidades de antirracismo entre negra/os e branca/os do/no Movimento Negro em Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.
- LOPES, Paulo Victor Leite. **Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- LÓPEZ, Laura Cecília. **“Que América Latina se sincere”: uma análise antropológica das políticas e poéticas do ativismo negro em face às ações afirmativas e às reparações no Cone Sul**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- LUCENA, Francisca Marcela Andrade. **O funk, o bloco e a rua: práticas artísticas e engajamentos políticos com o Bloco APAFunk**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- MACHADO, Paula Sandrini. **O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

- MACHINI, Mariana Luiza Fiocco. **Nas fissuras do concreto: política e movimento nas hortas comunitárias da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MAFFIOLETTI, Cassio de Albuquerque. **Retomando a nossa esquina: o movimento hip hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- MAIA, Camila Pereira. **Corpo e estética corporal: o papel das páginas do Facebook no empoderamento de mulheres negras**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- MAIA, Carolina. **Entre armários e caixas postais: escritas de si, correspondências e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MANFRINATO, Helena de Moraes. **Islã, mídia e direitos humanos: políticas de representação e visibilidade a partir do agenciamento de uma rede de instituições islâmicas no pós-onze de setembro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MASSA, Jimena Maria. **“Restituição de identidades” e construção de parentesco em casos de “netos/as apropriados/as” pela ditadura militar argentina**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- MATOS, Lídia de Oliveira. **Transição capilar: cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2017.
- MAZZER, Fernando Lopes. **Economia do desejo e desejo de economia: retroalimentação e troca em coletivos da rede fora do eixo no interior de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- MELLO, Jaffia Alves de. **Em meio a desafios e conquistas: ativismo feminino popular no grupo Espaço Mulher de Passarinho**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- MENDONÇA, Sara Sousa. **Mudando a forma de nascer: agência e construções de verdades entre ativistas pela humanização do parto**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- MESOMO, Juliana Feronatto. **Cotidiano em suspenso: remoção de populações e mobilização coletiva no contexto de duplicação da Avenida Tronco em Porto Alegre-RS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- MESTRE, Simone de Oliveira. **“Mães guerreiras”: uma etnografia sobre mães de jovens encarcerados em Porto Velho/RO**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- MIRANDA, Sabrina Aguiar. **“A trilha do arco-íris”: uma etnografia das sociabilidades políticas do Grupo Rainbow em Resende-RJ**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- MONTEIRO, Anne Alencar. **Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- MONTEIRO, Marina. **“De pedra e pau”: etnografia sobre o levante popular de junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro e suas continuidades**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

- MORAIS, Janaína de Araújo. **“Liberdade ainda que vadia”**: uma etnografia sobre a **Marcha das Vadias do Rio de Janeiro 2013**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- MOREIRA, Raffaella May Fryer. **“A gente tava ali”**: Repensando a verdade com midiativistas no **Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- MOURA, Alice Bezerra de Mello. **Remoções forçadas, moradas desmanteladas: uma intervenção estatal no Loteamento São Francisco**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- MUHALE, Miguel Joaquim Justino. **Lutar, criar, poder popular: uma perspectiva etnográfica do Bloco de lutas pelo Transporte público em Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de. **As políticas da cultura: uma etnografia de trânsitos, encontros e militância na construção de uma política nacional de cultura**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- NADAI, Larissa. **Descrever crimes, decifrar convenções narrativas: uma etnografia entre documentos oficiais da Delegacia de Defesa da Mulher de Campinas em casos de estupro e atentado violento ao pudor**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- NOVAIS, Kaito Campos de. **Gestos de amor, gestações de lutas: uma etnografia desenhada sobre o Movimento Mães pela Diversidade**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- NUNES, Marina Cápua. **Processo de Transexualização: uma trajetória de militância trans na cidade de Juiz de Fora (2011-2016)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- OLIVEIRA, Fabiana Santos Rodrigues de. **Maconheirinhos: cuidado, solidariedade, e ativismo de pacientes e seus familiares, em torno do óleo de maconha rico em canabidiol (CBD)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- OLIVEIRA, Luiz Gustavo Silva de. **“O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”**: etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- OSTROWER, Isabel Milanez. **Cuidar da casa e lutar pela moradia: a política vivida em uma ocupação urbana**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- PANTOJA, Leila Saraiva. **“Não leve flores”**: crônicas etnográficas junto ao **Movimento Passe Livre-DF**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- PATERNIANI, Stella Zagatto. **Política, fabulação e a ocupação Mauá: etnografia de uma experiência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 219-232, 2000.
- PEREIRA, Denis da Silva. **Violência Contra LGBT's em Manaus e agências da resistência e do enfrentamento: estudo de uma disputa territorial assimétrica dos campos da moral e do Direito**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

- PEREIRA, Renata de Mello Cerqueira. **O que acontece embaixo da ponte? Juventudes e ocupação de espaço público**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2016.
- PINTO, Ana Cândida Pena Vieira. **Presença feminina na liderança neopentecostal brasileira: as profetisas do Espírito Santo e novas formas de adesão religiosa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- PINTO, Vinicius Cruz. **“ALDEIA RESISTE!”: uma etnografia das estratégias políticas da “Aldeia Maracanã” no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- PORTO, Rozeli Maria. **Aborto legal e o “cultivo ao segredo”: dramas, práticas e representações de profissionais de saúde, feministas e agentes sociais no Brasil e em Portugal**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- POTECHI, Bruna. **Quando começa a pessoa legal? O nascituro no legislativo brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- PULHEZ, Mariana Marques. **Mulheres mamíferas: práticas da maternidade ativa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- RAMOS, Izabela Nálío. **Entre “perifeminas” e “minas de artilharia”: participação e identidade de mulheres no hip hop e no funk**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- RANGEL, Marcia Maria Rodrigues. **Aborto: o segredo em julgamento**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.
- REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. **Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- REIS, Izis Morais Lopes dos. **Diálogos e conflitos entre campos de conhecimento: o Ministério Público após a Lei Maria da Penha**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- RENOU, Mariana Vitor. **Oferenda e lixo religioso: como um grupo de sacerdotes do candomblé angola de Nova Iguaçu “faz o social”**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- RIBEIRO, Amanda Brandão. **Relampejos do passado: inscrição da morte no espaço público através da exumação de corpos de desaparecidos políticos da ditadura militar brasileira**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- RIBEIRO, Daniel de Oliveira Medeiros. **Negociando com as normas: transexualidades masculinas, reconhecimentos e agências**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.
- ROCHA, Rodrigo Carlos da. **Projetos e cotidiano de um movimento cristão na Universidade de Brasília: o NVC**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- RODRIGUES, Laís Oliveira. **Parir é libertário: etnografia em um grupo de apoio ao parto humanizado de Recife/PE**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- ROJAS, Mauricio Pardo. **Movimentos negros na região do Pacífico Colombiano: organizações, violência e território**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

- ROSITO, João Baptista Álvares. **O Estado pede perdão: a reparação por perseguição política e os sentidos da anistia no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SALES, Natalia. **Fazendo movimento negro: sentidos de política e relações raciais na micropolítica do(s) movimento(s) negro(s) de Duque de Caxias/RJ**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- SAMICO, Shirley de Lima. **Um estudo sobre a participação de jovens e mulheres no movimento hip hop**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- SANJURJO, Liliana Lopes. **Sangue, identidade e verdade: memórias sobre o passado ditatorial na Argentina**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- SANTOS, Cinthia Marques. **Sonhos em movimento: perspectivas de empoderamento de mulheres negras**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- SANTOS, Fabiano Cunha dos. **“Pode queimar, tá legalize”:** uma antropologia sobre o uso recreativo de drogas na cidade. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- SANTOS, Janrryer Mota. **Sangue, silêncio e revolta: uma etnografia com mães que perderam seus filhos nas lutas faccionais do crime ou pela violência policial**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- SANTOS, Renata de Oliveira Braga dos. **Guerra e parto: uma análise antropológica sobre a humanização do nascimento em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- SANTOS, Roberta Dayanne de Oliveira. **“Eu não vejo muitos negros aqui”:** uma etnografia sobre a Política Nacional de Saúde Integral de População Negra em Maceió. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- SCHNEIDER, Kamila Guimarães. **“A revolução está no prato”:** do global ao local no movimento slow food. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- SEGARRA, Josep Juan. **“Paz entre nós, guerra aos senhores!”:** uma etnografia sobre o bloco de lutas pelo transporte público e a ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- SEGATA, Juliara Borges. **“Mamães ativas”:** etnografia de um grupo de gestantes. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- SIERRA, Andres Leonardo Gongora. **Farmacopeia política: uma etnografia do antiproibicionismo e as lutas pela libertação da maconha na Colômbia**. Tese (Doutorado Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, Anelise Fróes da. **Mulheres em movimento(s): estudo etnográfico sobre a inserção de feministas e lésbicas em movimentos sociais institucionalizados e autônomos na cidade de Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SILVA, Gracielle da Costa. **Movimento negro ou movimentos negros? As múltiplas vozes da militância antirracista em Campina Grande-PB**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- SILVA, Julia do Carmo da. **Feministas por opção, católicas pelo direito de decidir: agentes feministas na Igreja Católica**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

- SILVA, Maynara Costa de Oliveira. **A via crucis da legalidade: violência sexual, aborto e objeção de consciência em uma maternidade potiguar**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- SILVA, Priscilla Monteiro do Nascimento. **Performances de gênero e música: etnografia de um movimento riot grrrl no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- SILVA, Raquel Sant’anna. **A nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade evangélica a partir da Marcha para Jesus**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SILVA, Raquel Souza da. **Poder, tecnologias digitais e política partidária: a “ideologia horizontal” e os movimentos sociais “#RevoltadoBusão” e “#ForaDilma” em Natal-RN**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- SILVA, Raquel Souza da. **Twitter e ciberativismo: o movimento social da hashtag #ForaMicarla em Natal-RN**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- SILVA, Sarah Araujo Teixeira e. **Para além do silêncio: os discursos femininos sobre as marcas da violência conjugal**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
- SILVA, Tamires Barbosa Rossi. **Experiências multissituadas: entre cursinhos trans e ativismos: quais narrativas, que cidadania é essa?** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2017.
- SILVEIRA, Natália Alves Cardoso Orlandi. **“Os assuntos que discutimos são a cara da nossa luta”: um estudo antropológico dos debates feministas em meio às possibilidades de sociabilidade online**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SILVESTRIN, Mauro Leno. **O movimento pró canábis no Rio de Janeiro (2002-2012): experiências, trajetórias e atores**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- SIMAS, Raquel. **Doulas e o movimento pela humanização do parto: poder, gênero e a retórica do controle das emoções**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- SLENES, Rebecca de Faria. **Negociação de sentidos: violência e direitos da mulher na prática de ONGs em Marrocos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- SOUSA, Cassia Helena Dantas. **Mulheres e itinerários abortivos: etnografia sobre os “caminhos” do misoprostol na capital norterio-grandense**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- SOUZA, Aline Ribeiro Quintanilha de. **“Nossa bandeira é nosso peito”: gênero, corporalidade e política na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- SOUZA, Angela Maria de. **A caminhada é longa... e o chão tá liso: o movimento hip hop em Florianópolis e Lisboa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- SOUZA, Julia Machado. **O fim do antropocentrismo? Propostas para repensar o não humano a partir de militâncias em defesa dos animais na cidade de Florianópolis – SC**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

- SOUZA, Patrícia Lanes Araujo de. **Entre becos e ONGs: etnografia sobre engajamento militante, favela e juventude**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- SOUZA, Priscila do Rocio Oliveira de. **Celebrando corpos, debatendo movimentos: a sexualidade da mulher negra das redes às festas negras em SP**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- TESTA, Sabrina. **Os mínimos indícios de comunhão e libertação: etnografia de um movimento católico conservador**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- TOSCANO, Gabriel Bayarri. **Novos conflitos nas cidades e antigas práticas policiais: análise dos mecanismos de mediação em favelas atendidas pelas Unidades de Polícias Pacificadoras – UPPs**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- TRINDADE, Analice Ohashi da. **“Vale a pena acreditar na cidade”: o movimento ativista em Curitiba e suas práticas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- TROTTA, Clara Cazarini. **Entre uma mãe e uma feminista: relações entre feminismos e maternidades**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- TUSSI, Fernanda Pivato. **Aborto vivido, aborto pensado: aborto punido? As (inter)faces entre as esferas pública e privada em casos de aborto no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- VALPASSOS, Carlos Abráão Moura. **Abortos e histórias sobre eles**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- VARGAS, Janaína Charao. **Corpo, experiência e feminismo: um estudo do movimento Marcha das Vadias em Santa Maria**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- VIANA, Priscila de Souza. **Gênero, poder e silêncio: um olhar antropológico sobre narrativas de aborto**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2015.
- VILELA, Diego Breno Leal. **Ativismo vegano em Natal: uma etnografia de mobilização política, alimentação ética e identidades**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- ZAHRA, Vivian Manfrim Muhamed. **As representações da(o)s transexuais nas aldeias arquivos do TJRS: alteração do nome social, eis a grande questão**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.
- ZANOLI, Vinícius Pedro C. **Fronteiras da política: relações e disputas no campo do movimento LGBT em Campinas (1995-2013)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

Resumo

Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia nos últimos dez anos (2008–2018)

Este artigo traz um levantamento bibliográfico sobre movimentos sociais no período de dez anos (2008–2018) no campo da antropologia. A pesquisa foi realizada no catálogo de teses e dissertações da CAPES, uma vez que o *boom* dos estudos sobre ativismos contemporâneos é bastante recente e aparece de forma mais robusta nas produções acadêmicas da pós-graduação, sugerindo um interesse crescente no tema entre estudantes brasileiros. A revisão bibliográfica realizou um recorte de movimentos sociais urbanos, com enfoque nas seguintes temáticas: movimento antiglobalização, junho de 2013 e pós-junho, gênero e sexualidade, movimento negro, cultura e estilo de vida, movimentos religiosos e conservadores, ecologia e meio ambiente, violência policial, ditadura militar e direitos humanos. Um olhar etnográfico desde as produções brasileiras sugere que as fronteiras entre os chamados novos e novíssimos movimentos sociais são porosas, uma vez que ambas formas de ação coletiva se formam mutuamente na profusão do ativismo contemporâneo.

Palavras-chave: Movimentos sociais; Movimentos sociais contemporâneos; Antropologia; Ativismos; Ação coletiva.

Abstract

Contemporary Social Movements: Postgraduate Dissertations in the Brazilian Anthropology (2008 - 2018)

This article provides a bibliographic review on social movements in the field of anthropology in Brazil from 2008 to 2018. The research relied on the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) catalog of master's and doctoral dissertations. The reason to review graduation monographs is due to the fact that the boom of studies concerning the contemporary forms of activism are still very recent. These works appear more robust in the academic outputs that have been written over the last several years, suggesting an emerging interest in the subject among Brazilian students. The bibliographic review focused on urban social movements, especially with respect to several themes: anti-globalization movement, June 2013, and post-June movements; gender and sexuality; black movement; culture and lifestyle; religious and conservative movements; ecology and environment; police violence, military dictatorship, and human rights. An ethnographic look at the newest Brazilian academic outputs suggests that the boundaries between the so-called "new" and "newest" social movements are porous, since both forms of collective action are mutually constitutive in the profusion of contemporary activism.

Keywords: Social movements; Contemporary social movements; Anthropology; Activisms; Collective action.

Résumé

Mouvements sociaux contemporains: la production de thèses et mémoires en anthropologie au cours de 2008 à 2018

Cet article se penche sur les études bibliographiques à propos des mouvements sociaux couvrant une période de dix ans (2008-2018) dans le domaine de l'Anthropologie. La recherche a été portée dans le catalogue CAPES des thèses et des mémoires, car le boom des études sur l'activisme contemporain est assez récent et apparaît plus solidement dans les productions universitaires supérieures, suggérant un intérêt croissant pour le thème chez les étudiants brésiliens. La revue bibliographique a fait une coupe des mouvements sociaux urbains, en se concentrant sur les thèmes suivants : mouvement antimondialisation, juin 2013 et post-juin, genre et sexualité, mouvement noir, culture et style de vie, mouvements religieux et conservateurs, écologie et environnement, violence policière, dictature militaire et droits humains. Un regard ethnographique sur les productions brésiliennes suggère que les frontières entre les soi-disant « nouveaux » (« the new social movements ») et « tout nouveaux » mouvements sociaux (« the newest social movements ») sont poreuses, car les deux formes d'action collective sont mutuellement constitutives dans la profusion de l'activisme contemporain.

Mots-clés : Mouvements sociaux; Mouvements sociaux contemporains; Anthropologie; Activismes; Action collective.